
Narrativas em disputa: fotografias do subúrbio ferroviário de Salvador

Disputed narratives: photographs of the subúrbio ferroviário de Salvador

Marina Silveira Muniz Ferreira, Atilon da Silva Matos Silva, Eliana Juriti, Thaís Troncon Rosa e José Eduardo Ferreira Santos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9107>

DOI: 10.4000/pontourbe.9107

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Marina Silveira Muniz Ferreira, Atilon da Silva Matos Silva, Eliana Juriti, Thaís Troncon Rosa e José Eduardo Ferreira Santos, « Narrativas em disputa: fotografias do subúrbio ferroviário de Salvador », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9107> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9107>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Narrativas em disputa: fotografias do subúrbio ferroviário de Salvador

Disputed narratives: photographs of the subúrbio ferroviário de Salvador

Marina Silveira Muniz Ferreira, Atilon da Silva Matos Silva, Eliana Juriti, Thaís Troncon Rosa e José Eduardo Ferreira Santos

NOTA DO EDITOR

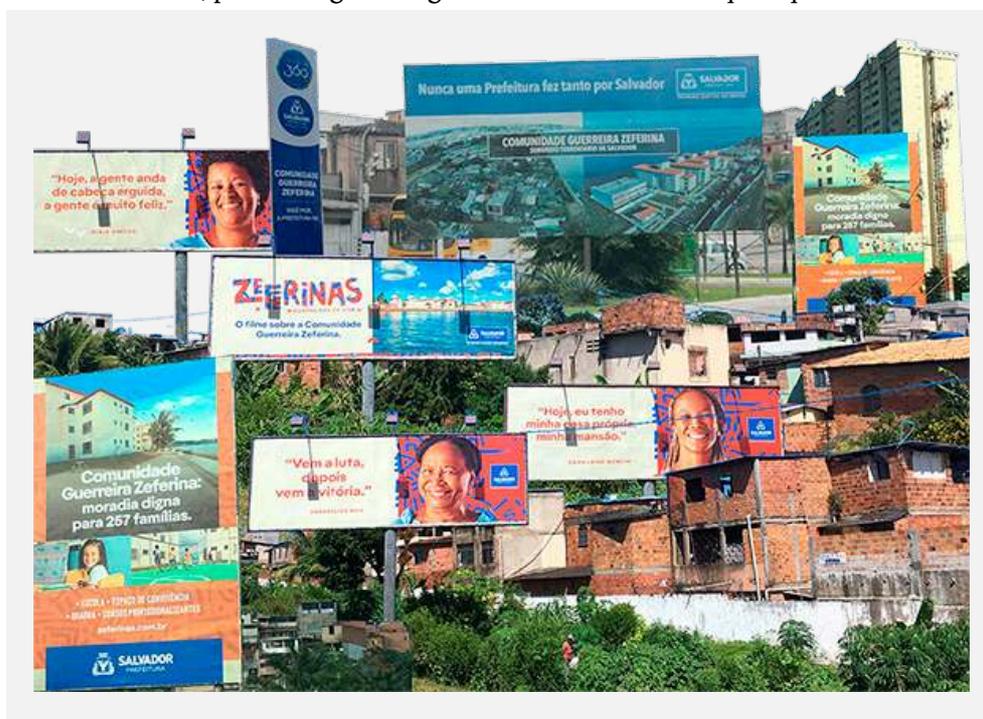
Versão original recebida em / Original Version 01/05/2020

Aceitação / Accepted 06/08/2020

- 1 As fotografias aqui apresentadas foram produzidas em 2019, a partir do encontro entre pesquisadoras/es e moradoras/es da orla de Periperi, bairro do Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS). A motivação para ir a tal encontro emergiu dos interesses coletivos do grupo de estudos Urbanidades Liminares de confrontar percepções estigmatizadas e dicotômicas de cidade, tensionando representações hegemônicas dos territórios populares afro-brasileiros. Nesse sentido, o SFS foi considerado devido à magnitude da autoconstrução em seus bairros e à complexidade das relações entre os diversos produtores de suas dimensões materiais e imateriais. Munindo-se dessas inquietações, apesar de situar-se majoritariamente na orla de Periperi, as pesquisas, a partir das quais este ensaio fotográfico se produziu, não tinham um recorte territorial pré-estabelecido, tendo adotado o encontro com as/os moradoras/es e suas narrativas como ferramenta definidora de caminhos e desdobramentos (Ferreira, 2019).
- 2 O SFS está passando por um processo de transformações físicas e sociais devido às intervenções da prefeitura, do mercado imobiliário e do governo estadual, este último conduzindo, através de uma parceria público-privada, a substituição da histórica ferrovia por um monotrilho. Esses fatores ameaçam alterar radicalmente suas paisagens e as dinâmicas sócioespaciais, acarretando na mercantilização de espaços de memória coletiva e na expulsão direta e indireta da população. Logo, se fez urgente documentar os modos de vida e as destituições em curso. Entre outras linguagens, as

investigações utilizaram a fotografia como ferramenta documental e política de visibilização dos conflitos e de disputa narrativa.

- 3 Ao dialogar com Azoulay (2015) e Mortimer (2017), entende-se que a fotografia não se encerra na imagem: ela extrapola o instante fotografado, sendo a conjunção de eventos anteriores e posteriores a sua produção. Não era intenção que o gesto fotográfico fosse invasor, portanto, foi necessário construir reciprocidade com as pessoas do lugar e, visando fazer frente aos processos ameaçadores em curso, a publicização das imagens em espaços públicos foi uma estratégia adotada.
- 4 Reconhece-se o risco de romantizar os modos de vida em territórios populares afro-brasileiros, podendo contribuir para o imaginário de que estes não necessitam intervenções que garantam o direito à cidade. Porém, é proposto aqui refletir criticamente sobre a cidade além da dicotomia centro-periferia, evidenciando novas relações frente às dinâmicas socioespaciais (Rosa, 2018). Logo, a intenção do gesto fotográfico, construído coletivamente, foi experimentar modos de narrar as urbanidades para além daqueles que balizam a atuação majoritária no campo da arquitetura e do urbanismo nos territórios populares afro-brasileiros e, também, criar realidades outras, pois a fotografia é igualmente construtora daquilo que documenta.



Narrativas institucionais, 2019

- 5 De início, foram realizadas incursões no território mais amplo do SFS, nas quais foi inevitável ter a atenção capturada pelos outdoors da Prefeitura e do Governo do Estado informando obras na cidade. Em específico, a publicidade da intervenção urbanística e habitacional realizada pela Prefeitura Municipal de Salvador na antiga ocupação do Movimento dos Sem Teto da Bahia (MSTB), Guerreira Zeferina, localizada na orla de Periperi, atraiu aos pesquisadoras/es para o conjunto habitacional. Essa intervenção acarretou na apagamento de um território e comunidade autoconstruída, com toda a sua dinâmica de vida e práticas culturais. Apesar de apresentar questões urgentes a serem investigadas, os encontros com as/aos moradoras/es da região mais ampla da orla, e não apenas da antiga ocupação, evidenciaram a complexa relação entre a

materialidade e a imaterialidade ali presentes, expandindo o território de incursões. É importante ressaltar o caráter historicamente eugenista das intervenções urbanas no SFS.



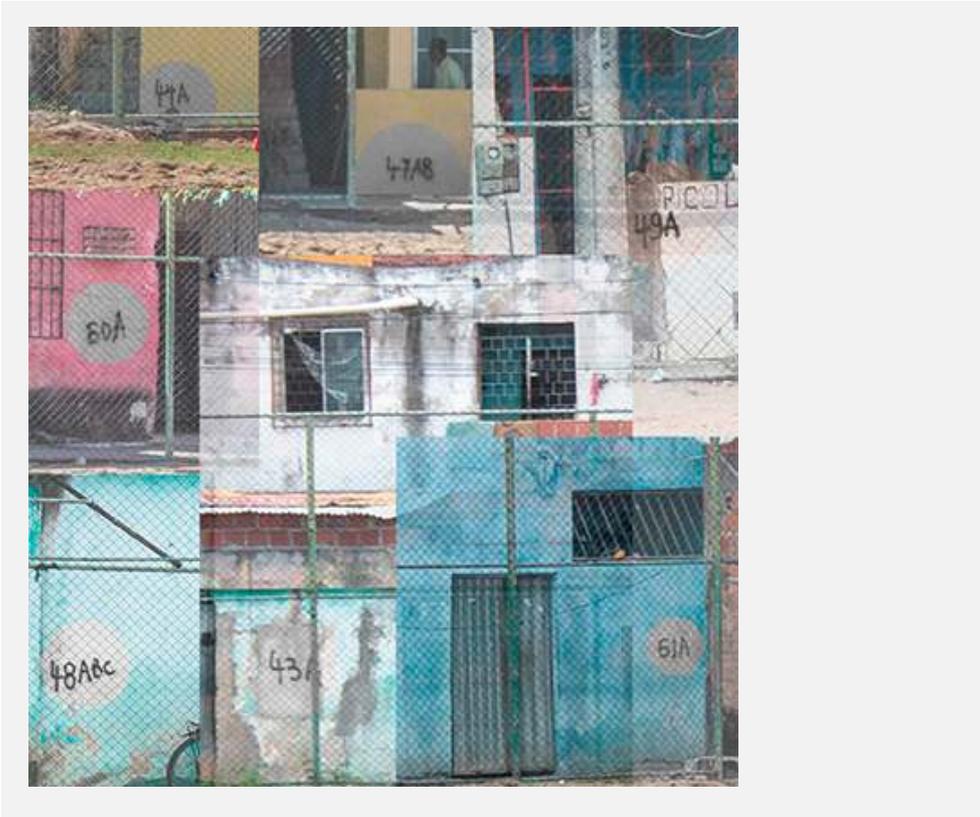
Memórias materializadas, 2019

- 6 Em todo o Subúrbio, se nota uma íntima ligação dos moradores ao trem, o qual lhes confere a identificação do território como Subúrbio Ferroviário. Hoje, o trem segue debilitado devido à falta de investimentos na linha ferroviária. Entretanto, as antigas ferragens utilizadas na extinta oficina da rede ferroviária são incorporadas criativamente pelos próprios moradores ao longo de todo território, em calçadas, cercas, e até mesmo, na construção de uma academia ao ar livre na praia. Além das antigas ferragens, os moradores se apropriam das demais materialidades que os cerca: as conchas de peguari em cima dos muros; as cercas vivas; os cacos de azulejo, vidrilhos e conchas nas fachadas ou nos chãos das casas, como mosaicos.



Baba na chuva, 2019

- 7 Durante as incursões no território, ocorreu o encontro entre pesquisadoras/es e jogadores da Associação Velha Guarda de Futebol, localizada na orla de Periperi, os quais se mostraram abertos à interlocuções. As primeiras conversas possibilitaram o estabelecimento de um acordo entre as/os pesquisadoras/es e os jogadores de realizar registros fotográficos dos jogos durante os fins de semana como forma de gerar um painel fotográfico dessas fotos, uma devolutiva mais palpável aos mesmos. Importante mencionar a relevância do lazer como constituidor de um laço comunitário entre os jogadores, visitantes, moradores e moradoras.



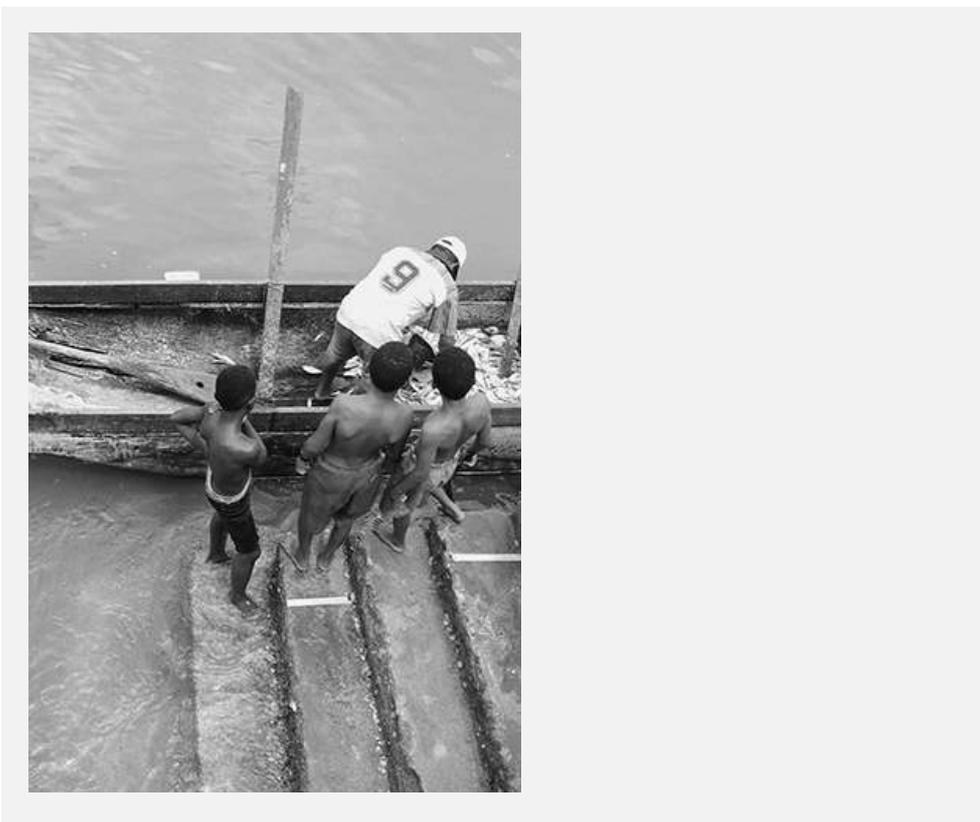
Violências institucionais sobrepostas, 2019

- 8 Moradores do SFS tiveram as fachadas de suas casas violentamente pichadas indicando que seriam desapropriados pela obra do monotrilho. Antes mesmo de audiências públicas ou espaços de discussão com a comunidade, esta foi a primeira ação do consórcio Skyrail Bahia, responsável pela obra, no território. A incerteza do significado dos números pichados nas fachadas das casas criou a expectativa de que todas iriam ser desapropriadas, expondo a fragilidade do projeto e, principalmente, do seu processo de elaboração desassociado da participação dos moradores. Principalmente, expõe uma violência institucional, que poderia ser pensada na chave do racismo ambiental. Muitas casas do Subúrbio possuem reboco aparente, quase que um símbolo das favelas ou comunidades brasileiras. Ter a parede de casa rebocada e pintada, simboliza a possibilidade de mobilidade social ascendente dos seus moradores, significa que os proprietários conseguiram se organizar financeiramente para um investimento muitas vezes inalcançável para demais vizinhos ou outras comunidades. Além disso, tais pichações são similares às inúmeras demarcações de território pelo tráfico de drogas, trazendo a tona o sentimento do luto diante das mortes de jovens pelo crime organizado.



FAZENDINHA, TERRITORIALIDADE ANCESTRAL, 2019

- 9 O Sambaqui da Pedra Oca, comumente chamado de Fazendinha pela população local, está localizado em um terreno ao lado da Comunidade Guerreira Zeferina. Constitui-se em um vestígio indígena que incorpora narrativas, vivências, história e memórias ancestrais, um patrimônio cultural material e imaterial, que permanece ao encontro do acaso, por enquanto intocável, mas sobre a iminência de destruição pelas intervenções institucionais que crescem constantemente no território.



1kg é um real!, 2019

- 10 Os moradores possuem uma relação de consagração íntima com o mar e a praia, compondo uma espécie de extensão imbricada de moradia, ambiente de lazer, local de encontro, espaço de comércio e de trabalho através da pesca e da mariscagem. No registro, moradores da Comunidade Guerreira Zeferina compram sardinha recém pescada. Após a compra, diversas moradoras permaneceram na escada do cais para tratar o peixe, comercializando sua mão de obra para demais moradoras e moradores da comunidade. Este recorte evidencia os diferentes papéis de gênero desempenhados: as mulheres tratam o peixe pescado pelos homens.



Casa Grande, 2019

- 11 A residência do ex-superintendente da rede ferroviária foi abandonada pela companhia e tem sido ocupada há cerca de 17 anos por pescadores locais que, por conta da sua localização e de sua estrutura subutilizada, deram novo uso ao imóvel para guardar barcos e equipamentos de pesca, para tecer e dar manutenção às redes, entre outras atividades. Constituem ali, de forma própria, sua associação de pescadores. A casa é onde encontram tranquilidade e sem a presença deles o imóvel estaria exposto a degradação, são eles os responsáveis pelas manutenções do telhado, do jardim, etc. As moradoras e moradores de Periperi apelidaram a casa de “Casa Grande”, referência dos tempos de escravidão que se manifesta na hierarquia reposta nos tempos da companhia ferroviária.



FRONTISPÍCIO DE PERIPERI, 2019.

- 12 A paisagem do frontispício de Salvador na região da Cidade Baixa é uma disseminada representação da capital da Bahia desde a colonização. No entanto, não foi encontrado pelas pesquisadoras/es envolvidos neste trabalho uma imagem do frontispício do Subúrbio Ferroviário, evidenciando a urgência em documentar esta paisagem diante da iminência de sua transformação, a qual pode dificultar o acesso dos moradores do SFS à

Baía de Todos os Santos. A partir da relação constituída entre as pesquisadoras/es e moradoras/es, foi viabilizado um passeio de barco para fotografar. A construção das imagens teve como autoria todos os presentes, mesmo aqueles que não acionaram diretamente o obturador, como o navegante que estava no controle de nosso campo visual: o barco ora se afastava, ora se aproximava da terra firme, mudando a composição. Entende-se, nesse sentido, a construção da panorâmica como uma apoteose da constituição do território compartilhado entre as pesquisadoras/es e as moradoras/es envolvida/os. A poética do espaço observada pela construção coletiva de uma urbanidade atravessada por narrativas e trajetórias de luta por conquista de direitos, resistência e existência. Experiências de vida materializadas no espaço da orla de Periperi. Reivindica-se a dimensão patrimonial do território, da paisagem e da cultura, que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas à reprodução da vida de seus habitantes.



Permanências em meio às mudanças, 2019

- 13 A histórica Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Escada, foi construída no século 16 em numa colina junto à antiga aldeia indígena de Itacaranha, atual SFS. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde a década de 60, a igreja está em iminência de sofrer um grande impacto visual devido às novas obras do Monotrilho, sistema de transporte que possui vigas de concreto de um metro de espessura, elevadas a 7 metros do chão. A igreja abriga a Escola Comunitária Nossa Senhora de Escada, mantida há mais de 30 anos pela paróquia e que beneficia cerca de 45 famílias do bairro, evidenciado a articulação do patrimônio histórico e a dimensão da construção coletiva como patrimônio local permitindo a perpetuação de vida no território.



ENFRENTAMENTO, 2019

- 14 Ao explorar o caráter documental da fotografia e a potência narrativa das produções visuais, a panorâmica foi publicizada como documento-memória em via pública, reafirmando o enraizamento e pertencimento dos moradores à paisagem por eles construídas e constituídas. A frase escolhida para compor foi apropriada de um grafite localizado em Coutos, também bairro do Subúrbio. O espaço para a colagem da imagem foi definido por Eliana, artista moradora de Periperi, também co-autora das imagens: a fachada do bar da sua casa, a rua perto da borracharia de seu irmão e o corredor do colégio onde estuda. Além dessa intervenção, também foi realizada colagem de lambes constituídos pela sobreposição das fotografias pelas falas das moradoras e moradores e dos funcionários do Consórcio Skyrail, com o objetivo de gerar constrangimento público perante as violências cometidas pelos mesmos. O espaço público, por excelência, amplifica os pequenos gestos, que podem ter uma infinidade de desdobramentos.

BIBLIOGRAFIA

AZOULAY, Ariella Aïsha. 2015. **Civil Imagination: a political ontology of photography**. Londres: Verso Books, 2015

FERREIRA, Marina Silveira Muniz. **Entre o Ferro e o Mar: uma aproximação às urbanidades de Periperi**. Trabalho final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019

MORTIMER, Junia. 2017. **Arquiteturas do olhar: imaginários fotográficos do espaço construído**. Belo Horizonte: C/Arte, 2017.

ROSA, Thais Troncon. Pensar por Margens. In: JACQUES, Paola B.; PEREIRA, Margareth da Silva. **Nebulosas do Pensamento Urbanístico – Tomo 1: Modos de Pensar**. Salvador: Edufba, 2018. p. 179 - 204

AUTORES

MARINA SILVEIRA MUNIZ FERREIRA

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia.

E-mail: marinamuniz.arq@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3013-2691>

ATAILON DA SILVA MATOS SILVA

Engenheiro Civil pela Universidade Salvador e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: atailonmatos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8277-221X>

ELIANA JURITI

Artista visual, moradora do Subúrbio Ferroviário. Ensino médio completo pelo Colégio Estadual de Praia Grande.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2011-9223>

THAÍS TRONCON ROSA

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, com estágio-sanduiche pela Universidad de Sevilla. Mestre em História (Política, Memória e Cidade) pela Unicamp. Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e da Residência AU+E/FAUFBA – Especialização em Assistência Técnica e

Direito à Cidade. E-mail: thaisrosa@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8485-2531>

JOSÉ EDUARDO FERREIRA SANTOS

Pedagogo pela Universidade Católica do Salvador, mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia,

doutor em Saúde Pública (ISC – UFBA). Fez estágio pós-doutoral em Cultura Contemporânea (PACC – UFRJ), no Instituto de Psicologia da UFBA pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD – CAPES) e no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade

Contemporânea. É professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Atualmente é curador e responsável pelo Acervo da Laje, que reúne obras artísticas e históricas do Subúrbio

Ferrovário de Salvador. E-mails: ferreirasantosenator@gmail.com e dinhojose@bol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2949-6022>